UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

ENRAIZADAS

Livro-reportagem sobre mulheres assentadas e militantes do Movimento dos Trabalhadores [e das Trabalhadoras] Sem Terra (MST) do Mato Grosso do Sul

Ana Laura Menegat de Azevedo

Campo Grande
Novembro /2023

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ENRAIZADAS

Livro-reportagem sobre mulheres assentadas e militantes do Movimento dos Trabalhadores [e das Trabalhadoras] Sem Terra (MST) do Mato Grosso do Sul

ANA LAURA MENEGAT DE AZEVEDO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Experimental II do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Katarini Giroldo Miguel

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 http://www.ufms.br
http:// www.jornalismo.ufms.br / jorn.faalc@ufms.br

SUMÁRIO

Resumo	5
Introdução	6
1. Atividades desenvolvidas	9
1.1 Execução	10
1.2 Dificuldades encontradas	14
1.3 Objetivos alcançados	15
2. Suportes teóricos adotados	17
Considerações finais	24
Referências	26
Anexos	27
Apêndice	28

RESUMO:

O trabalho apresentado é um livro-reportagem intitulado “Enraizadas; Livro-reportagem sobre mulheres assentadas e militantes do Movimento dos Trabalhadores [e das Trabalhadoras] Sem Terra (MST) do Mato Grosso do Sul”. A história é contada em seis partes, a primeira "Apresentando histórias vividas", é o prefácio do livro, em que a mãe da autora, Alzira Menegat, apresenta sua própria trajetória de pesquisa e o envolvimento da filha com o tema. A segunda, “Sementes” contextualiza a trajetória da jornalista e relembra os encontros e desencontros com as mulheres assentadas e com sua própria mãe, pesquisadora sobre reforma agrária. “Quem tem medo da reforma agrária?” traz a definição de conceitos, práticas e lutas enfrentadas pelas mulheres camponesas e o Movimento Sem Terra. Em “Enraizar” são apresentados perfis de seis mulheres militantes e assentadas pelo MST no MS. Em seguida, “Conhecimentos: ferramentas políticas contra a fome” narra as dificuldades e possibilidades da educação do campo, a formação política estimulada pelo MST e soberania alimentar. “Cultivo permanente” busca novas esperanças, forças e caminhos para uma reforma agrária popular e um jornalismo envolvido, engajado e ativista. Por fim, "Entre olhares" é um caderno fotográfico que mostra os registros feitos ao longo da reportagem. Para a construção do livro-reportagem foram realizadas entrevistas em profundidade com mulheres assentadas e militantes pelo movimento e feitas saídas de campo imersivas nos espaços do movimento e nos lotes das assentadas. Assim, foi alcançado o objetivo de contribuir para que as mulheres assentadas tenham seu protagonismo considerado dentro e fora dos espaços da reforma agrária.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo com perspectiva de gênero; Livro-reportagem; Mulheres assentadas; MST; Reforma Agrária Popular.

O livro pode ser acessado por meio do link https://drive.google.com/drive/folders/1f_TNQCXGmBX05TQuJBvESFDky-FxkSE5?usp=sharing

INTRODUÇÃO

Este livro-reportagem foi pensado e estruturado para colaborar com a memória coletiva do estado de Mato Grosso do Sul, abrindo espaço para narrativas e histórias de vidas de pessoas postas à margem da sociedade. Neste caso, as pessoas em questão são mulheres assentadas e militantes do Movimento dos Trabalhadores [e das Trabalhadoras] Rurais Sem Terra (MST) do MS. As mulheres Sem Terra realizam diversas resistências em seus cotidianos, seja contra o agronegócio, o capital, ou contra seus próprios companheiros de luta, que acreditam na revolução por meio da reforma agrária, mas ainda assim reproduzem falas e comportamentos machistas, racistas e homofóbicos.

O livro “Enraizadas; Histórias de vidas e de lutas de mulheres assentadas e militantes do Movimento dos Trabalhadores [e das Trabalhadoras] Sem Terra (MST) do Mato Grosso do Sul” é dividido em seis partes. O prefácio “Apresentando histórias vividas” é escrito por minha mãe, Alzira Menegat. Ela, além de ser a pessoa que eu mais amo no mundo, também é pesquisadora da reforma agrária e das mulheres assentadas no Mato Grosso do Sul há mais tempo do que eu tenho de vida. Ao apresentar meu livro, Alzira relembra sua própria trajetória, conta histórias envolvendo a Ana Laura criança e narra sentimentos sentidos e compartilhados. Assim, é possível ver como as histórias se cruzam e se complementam.

A introdução “Sementes” é, antes de tudo, uma apresentação. Apresento o assunto central do livro, pincelando os conflitos por terra no Mato Grosso do Sul. Me apresento, pois assim como Donna Haraway (1995), eu também defendo os saberes localizados, que precisam ser contextualizados e personificados. Além disso, também apresento o tom de voz da narrativa e introduzo as fontes personagens, sendo elas Dandara Procópio Machado, Palmira Pires de Souza, Cristiane Paula Morais Vilasboa, Patrícia Ferreira, Daiane Vasconcelos e Marizete Borges.

O primeiro capítulo “Quem tem medo da reforma agrária?” apresenta leis que regem a posse da terra e regulamentam a reforma agrária. Neste momento do livro, me aprofundo mais sobre os conflitos em torno da terra no Mato Grosso do Sul, informando sobre como o Movimento Sem Terra (MST) se organiza. Além disso, explico e diferencio

os momentos de acampamento, ocupação e assentamento. Ainda, denuncio as diversas violências que as mulheres Sem Terra precisam enfrentar, dentro e fora dos espaços da reforma agrária.

No segundo capítulo “Enraizar”, quem fala são as mulheres Sem Terra. Exponho seis perfis jornalísticos das protagonistas deste livro. Dandara, que foi criança sem terrinha, hoje estuda enfermagem e sonha em voltar para o campo. Cristiane concluiu uma graduação em ciências sociais por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), reconstruiu a vida sempre que precisou e ama a vida e os trabalhos no campo com todas as suas forças. Marizete foi presa política por quase 20 anos e mesmo assim não perde a fé na humanidade e na revolução camponesa. Patrícia foi criança sem terrinha e hoje cria sua filha Luara e seu filho Victor nos espaços da reforma agrária, Daiane é coordenadora do Setor de Gênero do movimento, não é assentada, mas faz a luta a todo momento. Palmira é produtora orgânica e sonha com um mundo alimentado e mais humano.

O terceiro capítulo “Conhecimentos e saberes: ferramentas políticas contra a fome” fala sobre educação e comida saudável. Apresenta as vivências na mística Sem Terra e nos espaços de ensino do campo, seja nas escolas, seja no movimento, seja no Pronera. Além disso, esse capítulo apresenta os desafios e caminhos possíveis para uma soberania alimentar no Brasil. Nesse momento do livro, quatro fontes especialistas explicam os cenários. São elas: Alzira Menegat e Marisa Farias, professoras da Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e coordenadoras da licenciatura em Ciências Sociais pelo Pronera. Sandra Procópio, militante do MST e professora da Faculdade Indígena (Faind) da UFGD e Fernanda Savicki, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e presidenta da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA).

A conclusão, intitulada de “Cultivo permanente” fala sobre as revoluções diárias que já estão em curso, manifesta o esperançar por dias melhores e por um futuro mais humano e menos desigual. Aproveito também para, nesse momento, explicar algumas escolhas jornalísticas a respeito da linguagem adotada no livro,

pautada na perspectiva de gênero (GUSTAFSON, 2019) e interseccional (AKOTIRENE, 2019).

Por fim, “Entre olhares” é o caderno fotográfico. Por mais honesta, coerente e sensível que eu tente ser em minha escrita, acredito que algumas imagens só podem ser compreendidas quando vistas e não lidas. Por isso, o caderno fotográfico reúne imagens das saídas de campo e entrevistas realizadas para esse livro, apresentando as fontes em “um novo olhar”, que compartilho com minhas amigas que gentilmente me acompanharam nesse processo. O caderno fotográfico contém fotos minhas, de Alice Rodrigues, Jessika Rabello, Lara Bellini, Victória Amorim e Raquel Alves.

Ao longo dos processos de entrevistas, escritas e revisões procurei tornar esse livro o mais plural e colaborativo possível. Por isso, contei com múltiplos olhares não só no caderno fotográfico, mas também a respeito da minha escrita. Minha mãe, Alzira Menegat, minha orientadora, Katarini Miguel, minha prima, Isabella Menegat e minha amiga Ana Carolina Gonçalves foram as responsáveis pela leitura e releitura da obra.

Com esse livro-reportagem busco colocar em prática o jornalismo que acredito, defendo e que faz meu coração bater mais forte. A perspectiva de gênero, apresentada pra mim por Jessica Gustafson (2019), é um caminho narrativo para que a linguagem jornalística não seja mais reprodutora de violências e para que as mulheres possam ter protagonismos sobre suas vozes e vidas também nas representações na imprensa brasileira. Evoco, também, uma comunicação midiativista, pois acredito na potência do jornalismo como produtor de conhecimentos (GUSTAFSON, 2019) e ferramenta de ativismo e resistência.

O livro-reportagem é a minha certeza de que uma memória coletiva pode ser construída, seja a nível regional ou nacional. E entender o jornalismo como um dos responsáveis por essa memória, como defendem as jornalistas Daniela Arbex e Eliane Brum em suas obras, me faz ter fé em que um mundo novo pode sim ser construído. Com isso, entendo minha responsabilidade como jornalista e aceito o desafio.

1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Pesquisas documentais a respeito da reforma agrária no Mato Grosso do Sul e sobre a participação das mulheres nessa luta;
- Construção de roteiro para pré-entrevistas.
- Escolha das fontes;
- Gravação e decupagem das pré-entrevistas, realizadas por telefone.
- Construção de roteiro para entrevistas em profundidade;
- Visitas às fontes para realização de entrevistas em profundidade;
- Saída de campo para a Jornada das Mulheres do MST; registros fotográficos e entrevistas
- Tratamento do material captado na Jornada;
- Decupagem das entrevistas em profundidade;
- Escrita das narrativas do livro-reportagem
- Estruturação das ilustrações com a diagramadora Rafaella Moura;
- Reencontro com as fontes personagens para ler os perfis a elas;
- Múltiplas revisões, correções e ajustes no texto;
- Reuniões periódicas e diálogo constante com Rafaella a respeito da diagramação do livro;
- Seleção do material fotográfico para o caderno de imagens;
- Fechamento do arquivo do livro e envio para impressão.

1.1 Execução:

Ao longo desse projeto, eu corrompi absolutamente todas as datas e prazos de entrega, e essa é talvez uma das únicas coisas que eu faria diferente nessa produção. O projeto deste livro-reportagem foi proposto em abril de 2022 e eu havia me proposto a realizar o levantamento bibliográfico, a captura das entrevistas e imagens e o tratamento desse material ainda no segundo semestre de 2022, mas isso não aconteceu.

Iniciei oficialmente os processos de pesquisa aprofundada, estruturação de roteiros para as entrevistas, procura e definição das fontes em janeiro de 2023. No mês seguinte, realizei as primeiras saídas de campo. Durante todo o processo de entrevistas, tive o acolhimento de minha mãe, Alzira Menegat, e de minhas amigas Victória Amorim, Alicce Rodrigues, Raquel Alves, Lara Bellini e Jessika Rabello, que gentilmente me acompanharam nas entrevistas. Isso contribuiu para que eu tivesse mais segurança em mim para conduzir a entrevista, e pude partilhar momentos emocionantes não só com as fontes, mas também com pessoas do meu convívio e que são família para mim.

A primeira entrevista que realizei foi em fevereiro deste ano. Minha mãe Alzira foi comigo até o assentamento Itamarati, para conversarmos com Irmã Olga e Rosimeire, ambas fazem parte da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC). No mesmo mês, eu e Alzira voltamos ao Itamarati, na companhia de Victória Amorim, para conversar com Iroina, mulher assentada pela Federação dos Trabalhadores da Agricultura (FETRAGRI). Neste momento inicial das entrevistas eu ainda não havia definido as fontes do livro e estava na procura por mulheres do MST, e por serem de outros movimentos, Rosemeire e Iroina não aparecem no livro. Irmã Olga aparece, pois participa da vida de Palmira, uma das protagonistas. Essas saídas de campo iniciais foram importantes para que eu pudesse imergir aos poucos dentro dos espaços e das realidades da reforma agrária no Mato Grosso do Sul e entender que fontes eu estava buscando.

Em março de 2023, eu já havia contatado Cristiane, Palmira e Dandara, convidando-as para participarem do livro. Conversei com Cristiane e Palmira por

telefone e realizamos uma pré entrevista, na qual elas me contaram sobre suas vidas de forma sucinta, contextualizando alguns dos passos que haviam sido dados para chegarem até ali. Após essas conversas, pude estruturar os roteiros para as entrevistas de profundidade, entrando em aspectos individuais e pessoais da vida de cada uma.

O contato com Dandara foi diferente, pois nós já nos conhecíamos, já que nossas mães, Alzira e Sandra, são amigas e companheiras de ensinos e atividades na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Em 2022, quando produzi a reportagem “Filhas e mães da terra” conversei com Sandra e conheci um pouco de sua trajetória, o que, consequentemente, me deu uma base a respeito da trajetória de Dandara. Além disso, antes de realizarmos nossa entrevista, compartilhamos momentos durante a Jornada das Mulheres do MST, em março de 2023, o que me ajudou a conhecer Dandara, com meus próprios olhos, por meio da convivência com ela e de sua participação no movimento. Por isso, quando entrevistei Dandara pela primeira vez, em Campo Grande, no apartamento em que moro, nossa conversa foi logo profunda.

O acolhimento de Dandara comigo foi essencial para que eu pudesse mergulhar no MST e conhecesse histórias de mulheres assentadas. Como relato no terceiro capítulo do livro, quando cheguei na Jornada das Mulheres do MST eu conhecia apenas Dandara, e por mais extrovertida que eu seja, há sempre uma timidez chata me perturbando quando entro em um ambiente novo e desconhecido. Dandara me apresentou às pessoas, falou bem do meu trabalho e fez questão de me envolver nas atividades que aconteceram durante a Jornada, assim, eu pude ocupar aquele espaço como mais do que jornalista, mas também como uma mulher que estava ali por acreditar numa reforma agrária popular. Ao longo da Jornada, foi a Dandara que me apresentou a Patrícia, ela me levou até sua casa e abriu caminhos para que Patrícia se sentisse confortável e segura para me contar sua história.

Conheci a história de Patrícia enquanto a conhecia, então não consegui me preparar muito previamente em termos de produção de roteiro de entrevista. Nesse momento, vivi o que aprendi na universidade a respeito da importância de manter os roteiros de entrevista abertos, para que as informações cheguem sem necessariamente

estarem programadas para serem recebidas. Assim, acredito que organicamente eu e Patrícia construímos juntas o roteiro de nossa conversa. Nos encontramos algumas vezes durante a Jornada, no Centro de Pesquisa e Capacitação Geraldo Garcia (Cepege), e convidei Patrícia para participar do livro. Ela prontamente aceitou e me recebeu em sua casa, vizinha ao Cepege. Dandara e eu fomos juntas até o lote de Patrícia no último dia da Jornada. Patrícia me mostrou seu lote, me deixou confortável em sua casa e foi honesta comigo.

Ainda durante a Jornada das Mulheres do MST, conversei com Daiane e Marizete. Eu e Daiane já havíamos nos falado em 2022, quando eu buscava por fontes para a reportagem "Filhas e mães da terra"[1]. Na época, nos desencontramos e não conseguimos conversar, mas em março de 2023 nos conhecemos pessoalmente e Daiane me contou sua história, em uma tarde quente, embaixo de uma árvore no Cepege, no intervalo de uma atividade e outra.

Marizete e eu conversamos no Cepege, após o encerramento da Jornada das Mulheres do MST. Antes do evento, nós não nos conhecíamos, e mesmo assim ela falou das suas dores e amores para mim. Após a jornada, eu, Alzira e Alicce saímos a campo para visitar Palmira e Cristiane. As duas moram no assentamento Itamarati, mas quase 30km de distância uma da outra. Fomos recebidas em suas casas com comida fresquinha e a paz do campo.

Todas as entrevistas tiveram duração entre 40 minutos e 1h30min cada e foram precedidas de um roteiro semi-estruturado que consta nos apêndices para verificação. Após as captações, decupei manualmente cada uma das gravações, imprimi essas decupagens e passei a ler e relê-las, buscando entender quais caminhos narrativos eu escolheria. Para conseguir visualizar melhor, escolhi vários marca-texto coloridos, uma cor para cada parte do livro, e fui marcando todas as decupagens. Assim , terminei com quase 100 páginas de entrevistas transcritas com vários rabiscos coloridos. Após esse processo, comecei a escrever e intensificar os diálogos com Rafaella, a ilustradora e diagramadora do livro. Durante os muitos meses de produção deste livro-reportagem, Rafa e eu conversamos incansavelmente sobre como dar um rosto para as minhas

[1] Publicada no Jornal Projétil. Disponível em https://jornalismo-faalc.ufms.br/projetil/filhas-e-maes-da-terra/. Acesso em 08 de novembro de 2023.

palavras e as palavras das mulheres Sem Terra. Aos poucos, as ilustrações foram ganhando corpo e compondo a obra. O livro não seria o mesmo sem o olhar da Rafa sobre ele.

Conforme eu avançava na escrita, passei a pensar sobre quais riscos eu poderia colocar as minhas fontes a partir de uma futura publicação das informações. Como todas as histórias envolvem violências, seja do Estado, seja de companheiros, seja da sociedade, pensei em dialogar com as entrevistadas a respeito. Para isso, realizei um segundo momento de diálogos e entrevistas com cada uma das fontes, quase todas de forma presencial, apenas Cristiane de maneira remota por conta da dificuldade no deslocamento. Esse retorno às mulheres Sem Terra foi essencial, pois aproveitei para ler para elas o que eu havia escrito sobre suas vidas. Sei que essa não é uma prática comum, e por vezes controversa no jornalismo, mas considerei isso indispensável no meu processo, pois como poderia eu contar suas histórias sem que elas participassem dessa narrativa e me confirmassem que tudo bem, posso prosseguir. Acredito que um ensinamento valioso que adquiri da graduação em jornalismo pela UFMS e deste projeto experimental é que o valor informativo não pode estar acima do cuidado humano. Por isso, quis perguntar para as entrevistadas o que elas pensavam sobre o que eu havia escrito e esse momento rendeu choros, risadas, emoções diversas e abraços carinhosos. Todas me disseram que se sentiram representadas e passaram a olhar suas próprias histórias de outra forma. Patrícia até disse que queria imprimir e emoldurar as páginas em que relato sua trajetória, pois, assim, sempre que se sentisse triste e desmotivada, olharia para sua história e se fortaleceria para continuar.

Além de dialogar com as protagonistas desse livro, também dialoguei intensamente com as mulheres ao meu redor. Minhas amigas, companheiras de profissão, artistas, minha mãe, minha orientadora, todas foram fundamentais para que esse livro existisse. Elas sempre estiveram aqui para me amparar, puxar orelha, elogiar e apontar outros caminhos possíveis para minha escrita.

Depois de todas as inseguranças ao longo do processo de construção deste livro-reportagem, a euforia tomou conta de meu corpo ao vê-lo ganhando corpo e cores.

Desde o início da diagramação, eu e as mulheres ao meu redor revisamos exaustivamente cada linha escrita. É bonito ver vivo um trabalho tão especial.

O resultado final é um livro-reportagem diagramado em formato A5, com 220 páginas, intitulado “Enraizadas; Livro-reportagem sobre mulheres assentadas e militantes do Movimento dos Trabalhadores [e das Trabalhadoras] Rurais Sem Terra (MST) do Mato Grosso do Sul. O título “Enraizadas” simboliza o processo de enraizamento que essas mulheres fazem de si mesmas em seus lotes e lutas e também o enraizar da natureza. Três capítulos contam a história, sendo eles “Quem tem medo da reforma agrária?”, “Enraizar” e “Conhecimentos e saberes: ferramentas políticas contra a fome”. Além disso, perguntei a cada uma das protagonistas do livro que plantas elas seriam, e na introdução “Sementes” eu explico que planta cada uma é e o porquê dessa escolha. Essas plantas e flores podem ser vistas na ilustração que abre o segundo capítulo “Enraizar”, de modo que cada mulher está desenhada ao lado da planta que a representa.

Pretendo publicar “Enraizadas” não só na versão e-book, mas também fisicamente. Para isso, buscarei formas de financiamento e apoios financeiros para que as impressões possam ser custeadas, a fim de realizar distribuição gratuita da obra na sociedade. A título de demonstração, foram impressas apenas cinco unidades do livro : três para a banca, que será composta pela professora do curso de audiovisual da UFMS, Daniela Siqueira; pela professora assentada no Assentamento Emerson Rodrigues, Luci Dalva; e pela professora do curso de jornalismo da UFMS e minha orientadora, Katarini Miguel. Além disso, uma unidade vai para a Rafaella Moura, ilustradora e diagramadora; e uma para mim, a jornalista e repórter responsável por esse livro-reportagem.

1.2 Dificuldades Encontradas

Produzir esse livro-reportagem foi desafiador em muitos aspectos. Acredito que a maior dificuldade encontrada tenha sido sistematizar a logística dos deslocamentos e transitar pelos caminhos de terra confusos para quem não está habituada. Em algumas saídas de Campo, como as para Sidrolândia, fui e voltei de

ônibus. De vez em quando sozinha, de vez em quando acompanhada. Nas saídas ao assentamento Itamarati, tive o acolhimento de minha mãe, Alzira, que gentilmente me levou e acompanhou durante as entrevistas e compartilhou comigo ansiedades, seja em relação à reportagem, seja nas tensões ao transitar pelas estradas de chão, compartilhando o medo de nos perdermos ou do carro ficar preso em uma das múltiplas crateras no caminho.

Ao longo desse projeto, eu corrompi absolutamente todas as datas e prazos de entrega, e essa é talvez uma das únicas coisas que eu faria diferente nessa produção. O projeto deste livro-reportagem foi proposto em abril de 2022 e eu havia me proposto a realizar o levantamento bibliográfico, a captura das entrevistas e imagens e o tratamento desse material ainda no segundo semestre de 2022, mas isso não aconteceu.

Sou segura em dizer que apenas não tive dificuldades com os processos produtivos em si, pois contei com amigas e profissionais incríveis que estiveram comigo nas entrevistas. Elas capturaram imagens e me ajudaram a acolher as fontes. Sem elas, todo o meu processo de entrevista seria comprometido, pois em algumas das visitas foram apenas de uma tarde ou uma manhã e ter que fazer uma complexa entrevista e, ao mesmo tempo, realizar registros fotográficos sensíveis é algo que eu não domino. Então, a participação delas foi essencial para este trabalho.

Importante pontuar que apenas Rafaella, diagramadora, e Isabella, revisora, foram remuneradas pelos trabalhos prestados. As demais amigas e profissionais se dispuseram a participar de forma voluntária. Todas as saídas de campo, pagamentos à Rafaella e à Isabella e as passagens das demais só foram possíveis pois pude contar com apoio financeiro de minha mãe, que “segurou a barra” sempre que necessário. Se eu não tivesse esse apoio e os acessos que tenho, não conseguiria bancar os custos necessários (que foram muitos).

Além disso, uma dificuldade que tive que atrasou todo o processo, foi manter disciplina e constância. Ao longo da apuração, captação de informações e tratamento dos dados eu enfrentei muitas noites de ansiedade, dores nas costas e crises depressivas que dificultaram o processo. Admito que muitas vezes também acabei

ficando confortável no desconforto da dor e angústia. Por isso, atrasei e corrompi todos os prazos estabelecidos.

1.3 Objetivos Alcançados

O objetivo geral deste livro-reportagem era “contar a história de vida de mulheres assentadas, acampadas e que fazem parte da militância de movimentos sociais rurais em Mato Grosso do Sul, especificamente do MST, analisando os encaminhamentos que construíram, colocando-se como sujeitas da reforma agrária e de suas vidas”. Acredito que esse objetivo tenha sido cumprido a partir do contato com as histórias de Patrícia, Daiane, Dandara, Palmira, Marizete e Cristiane. Cada uma delas, com trajetórias distintas, mas que compartilham sentimentos e vivências semelhantes. Assim, acredito que a junção dessas seis histórias mostram alguns dos caminhos pelos quais as mulheres da reforma agrária transitam.

Os objetivos específicos de “Compreender a atuação das mulheres assentadas e mostrar como elas estiveram e estão presentes nos avanços na luta pela reforma agrária”, “nomear as mulheres protagonistas desta história” e “entender como se dá a participação feminina no MST de Mato Grosso do Sul” foram atingidos a partir dos diálogos entre as mulheres entrevistadas. Elas mostraram diferentes formas de ser protagonistas em suas vidas e em seus lotes.

Acredito ter cumprido também com o objetivo específico de “investigar se a desigualdade de gênero permanece acontecendo mesmo em movimentos sociais radicais de esquerda”, ao revelar as múltiplas lutas que as mulheres assentadas precisam travar para além da luta de classes e pela terra. Elas precisam também resistir ao machismo, sexismo, homofobia, transfobia, racismo.

Acredito que o único objetivo específico que não foi cumprido integralmente é “conhecer a participação de mulheres trans no movimento”. Daiane é travesti e fala muito de sua vivência e das dores e delícias de ser trans, mas, apesar da importância de seu depoimento, não posso generalizar as vivências de mulheres trans no MST a partir do contexto de uma única fonte.

2. SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

As mulheres assentadas e militantes do MST

Deixar o campo falar é parte inicial para a compreensão das reivindicações dos povos Sem Terra. Adentrar os caminhos abertos e percorridos pelo povo de dentro é não só entender a realidade do grupo de mulheres assentadas em questão, mas sim entender todo um país e quais percursos são valorizados nessa trajetória de se criar uma nação. No Brasil, são múltiplas identidades que se fazem presentes na ausência de uma identidade brasileira concreta.

"Como viver em luta sem temer? Como se manter em luta suportando a incerteza da continuidade da vida?" são as perguntas que fazem Lucini (2012) ao tentar entender como a identidade Sem Terra é formada. Ao analisar a vivência do assentamento Conquista na Fronteira, a autora percebeu a dificuldade de tomar decisões que atendam tanto a desejos particulares quanto coletivos. "Na impossibilidade da conciliação entre essas duas instâncias, prevalece o coletivo, não como um castigo, mas como possibilidade de convivência, sobrevivência e reprodução cultural e social desta forma de viver em comunidade" (LUCINI, 2012, p. 69). Alzira Menegat (2009, p. 22) afirma que

> Tratar de assentamento significa tratar de mudanças muitas vezes pouco esclarecidas ou carregadas de significados produzidos e retransmitidos, quer pelo Estado, quer pela classe dominante, que procuram informar a opinião pública conforme as políticas que lhes são mais favoráveis. Esse fato acaba por esconder a verdadeira importância de se efetivar medidas concretas em relação a mudanças agrárias. Por isso o projeto de reforma agrária brasileiro apresenta um significado maior de reforma agrária do que realmente de efetivação de mudanças no espaço rural.

Menegat (2009, p. 22) explica que os trabalhos nos assentamentos são feitos por meio do "modo 'formiguinha', baseado no avanço/recuo, mas sempre em contínua caminhada, na tentativa de alcançar alguma mudança". Além disso, nos períodos de acampamento,

> Os momentos difíceis, de "sofrimento", como os assentados dizem, ganham ênfase em suas histórias, mas a eles somam-se as imagens

> dos acampamentos como locais de solidariedade, onde podiam estabelecer uma relação com o outro, ter espaço e tempo para conhecer o outro, não apenas o vizinho de barraco, mas também aqueles que moravam na última rua do acampamento. Por mais que fosse o número de pessoas que fazia, parte da vida nos acampamentos, cada um conhecia a história do outro, uma vez que parentes, vizinhos e compadres estavam ali, reunidos, reivindicando terra, o que acabou por estabelecer uma rede de solidariedade que, por vezes, estendeu-se ao assentamento (MENEGAT, p. 87-88).

Lucini (2012) relembra o surgimento de movimentos como o MST e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) em ligação com a Igreja católica, seguindo a Teologia da Libertação. Com o passar dos anos e das discussões, o MST começou a se distanciar de tais instâncias religiosas e precisou construir sua própria identidade Sem Terra, de viver a luta e de resistir à exclusão. Conforme a autora argumenta, a falha do estado perante os movimentos sociais rurais e as pessoas assentadas faz com que esse grupo passe a ser também não-cidadão, transformando-o, como apresenta Lucini (2012), em um “objeto escapado do capitalismo”, que não participa e fomenta o sistema de consumo e objetificação dos corpos como é esperado.

Na tentativa de escapar do capitalismo e seguir a vida como cidadãs e cidadãos, esses coletivos resistem à dominação e encontram algo que as e os define:

> Possivelmente, as necessidades que movem os sujeitos a participar do Movimento e permanecer em luta sejam a do direito de produzir a vida, de pertencer, de estar com, de ter seus direitos respeitados porque os conhecem, de ter uma memória e uma história reconhecidas, e, principalmente, a do desejo de superar a condição de “objeto espaçado do capitalismo”. (LUCINI, 2012, p. 73)

Esses sujeitos e sujeitas excluídos buscam recontar a história a partir de suas próprias vivências e conhecimentos, contrariando aquela contada por colonizadores e ensinada nas escolas como a história oficial do país. No MST, o Movimento criou sua própria pedagogia e realiza as místicas, que são rituais que reforçam a identidade Sem Terra, pensam em caminhos de luta e lembram de pessoas que foram importantes para o movimento ou que lutaram por causas semelhantes. Por meio desses ensinamentos, a história das pessoas que vieram antes é validada e não apenas esquecida e marginalizada.

Menegat (2009, p. 128) entende que assentamentos são construídos "a partir da memória de outros espaços e por isso carrega todos os elementos constitutivos da vida dessas pessoas". Para ela (MENEGAT, 2009, p. 104),

> o assentamento deve ser visto como um lugar onde são resolvidos fatores de marginalização social de famílias, pois só para além do viés econômico pensaremos o assentado, que é o agente primordial do assentamento. (…) Dessa forma, pensar o assentamento implica considerá-lo como um lugar com um modo de vida próprio, que por vezes foge às regras preestabelecidas e especialmente às leis de mercado em que se constroem alternativas que permitem manter relações diversas das existentes e até divergentes em relação às projetadas.

A pesquisadora feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 26) que defende que "a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história". Dessa forma, as Sem Terra lutam para que a história delas não seja apagada em prol da memória de dominadores.

É nessa contínua busca por justiça social que a questão de classe se mistura com outras variáveis, como gênero e raça. Pesquisadoras e feministas negras conceituam essa ideia como 'interseccionalidade', na esperança de entender e questionar o porquê de mulheres negras se encontrarem em posição de maior vulnerabilidade social. Esse conceito é importante para a pesquisa que desenvolvi, pois classe e gênero serão duas variáveis que estarão cruzando a vida de todas as fontes, e raça também atravessará a vida de algumas das entrevistadas que busco. Além disso, orientação sexual e identidade de gênero também são atravessamentos que precisam ser compreendidos em suas nuances.

Carla Akotirene defende que "é imperativo aos ativismos, incluindo o teórico, conceber a existência duma matriz colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas, sendo todas merecedoras de atenção política" (AKOTIRENE, 2019, p. 19). Para Gustafson (2019, p. 42) o feminismo

interseccional “leva em consideração os distintos marcadores sociais e suas articulações nas experiências das mulheres”.

Essa linha de argumentação dialoga com Akotirene (2019, p. 37-38) quando ela afirma que “a interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem”.

Isso significa que mulheres assentadas precisam lutar pela vida duas vezes, como mulheres e enquanto assentadas. Se for negra ou LGBTQIAPN+, a luta é tripla. Mas os homens que estão ali buscando essa mesma vida, a mesma terra que as mulheres, precisam ser aliados da luta feminista, antirracista e antilgbt, para que suas companheiras de movimento possam ter uma vida digna também dentro da organização dos acampamentos, assentamentos e nas instâncias tomadoras de decisão. Nesse sentido, hooks (2019, p. 70) afirma: “uma vez que todas as formas de opressão estão ligadas em nossa sociedade, um sistema não pode ser erradicado enquanto os outros permanecem intactos. Desafiar a opressão sexista é um passo crucial na luta pela eliminação de todas as formas de opressão”.

Além disso, ir contra tal sistema de dominação sexista e machista é necessário por parte dos homens dentro de seus lares. Em entrevista para o livro, Sandra Procópio afirmou que as mulheres, apesar de atuarem na roça e na militância com a mesma competência que os homens, são silenciadas nos momentos de tomada de decisões e também possuem o papel doméstico e de cuidadora dos filhos, tal qual imposto pelo sistema colonizador contra o qual os movimentos sociais rurais lutam.

Para quebrar com esse ciclo de perpetuação de silenciamentos e violências misturados de forma enganosa com amor, hooks (2019, p. 149-150) defende que

> não há amor onde há dominação. O pensamento e a prática feministas enfatizam o valor do crescimento mútuo e da autorrealização em relacionamentos íntimos e na parentalidade. Essa visão de relacionamentos em que as necessidades de todo mundo são

> respeitadas, em que todo mundo tem direitos, em que ninguém precisa temer a subordinação ou o abuso, vai em sentido contrário a tudo o que o patriarcado defende sobre a estrutura de relacionamentos.

Na visão de hooks (2019), o amor é uma potente ferramenta de transformação social. Através dele é possível que as pessoas vivam suas verdades em essência e esse amor é sempre muito mais plural do que apenas o romântico. É o amor pela terra, pela vida e por defenderem o que acreditam que move mulheres e homens à uma vida de luta. E esse processo é sempre coletivo e multifacetado, de forma que pessoas de um mesmo grupo podem ser afetadas de maneiras distintas. É na esperança de um mundo colaborativo e livre de preconceito que muitas das mulheres dos movimentos sociais rurais lutam. É acima de tudo uma luta contra a fome.

O livro-reportagem

Em defesa da luta Sem Terra e de tudo que as mulheres camponesas representam, o livro-reportagem se mostra como o formato mais completo para contar essa história. Belo (2006, p. 42) entende que esse tipo de produção abriga maior detalhamento, profundidade e contextualização, de forma que “a concepção do livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial, de modo a fazê-lo permanecer como objeto de interesse por muito e muito tempo”.

Lima (2004, p. 39) afirma que “é visando uma narrativa ampliada que o jornalista se propõe a produzir um livro-reportagem”. Segundo o autor, esse formato se pauta “no jornalismo cotidiano, mas amplia-o. Ao fazê-lo, crava sua própria especificidade entre outras espécies de mensagens jornalísticas” (LIMA, p. 62). Além disso, é marcado pela “liberdade do autor, permitindo ao jornalista fugir aos ditames convencionais que restringe sua tarefa de construtor de mensagem na imprensa cotidiana” (LIMA, p. 63).

Com grau de amplitude superior e abordagem multiangular (LIMA, 2004), o livro-reportagem assume uma linguagem jornalística e ao mesmo tempo literária, de

forma que a literatura e a imprensa se confundiram até os primeiros anos do século XX, conforme aponta Lima (2004).

> Num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade (LIMA, 2004, p. 178).

Belo (2006, p. 48) afirma que “o livro-reportagem requer um levantamento de dados que permita conectar fatos e circunstâncias passados, mas também relacionar acontecimentos aparentemente sem relação direta com o tempo de que a obra trata”. Tal pensamento conversa com o posicionamento de Lima (2004, p. 40):

> Então, se cabe ao jornalismo informar e orientar, cabe a seu subsistema, o livro-reportagem, informar e orientar com profundidade, transformando-se este último em papel num instrumento complementador e extensor dessa função declarada, individualizadora, do jornalismo.

A professora do curso de audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Daniela Siqueira, entende o livro-reportagem como um vir-a-ser, de forma que possui uma potência de transformação social, mas que apenas cumpre seu papel quando encontra as leitoras e os leitores. Nas aulas, a professora levanta o questionamento a respeito de qual “outro” ou “outra” quem escreve quer envolver, chamando atenção para o fato de que “não é só a gente que está olhando para o outro, o outro também nos olha”. É nesse olhar-se mutuamente que histórias enraizadas aparecem.

Busco trabalhar aqui com um jornalismo ativista, partindo da lógica midiativista conceituada por Braighi e Câmara (2018). A partir da minha conexão com o tema e da conexão previamente estabelecida entre minha mãe e ele, sinto que o jornalismo e a comunicação a ser exercida aqui precisa ser posicionada não só ideologicamente, mas também emocionalmente. Aqui, me coloco no texto, caracterizando-me como uma jornalista na tentativa de ser midiativista, de forma que

“Midiativismo para nós, afinal, se claro não ficou, é rua, é chão, é corpo a corpo” (BRAIGHI; CÂMARA, 2018, p. 40). Além disso, Gustafson (2019, p. 100) afirma que

> Supõe-se ainda que o jornalismo feminista se insere na empreitada de construção de uma epistemologia feministas, ao produzir um conhecimento que se debruça nas experiências cotidianas, nas opressões estruturais e rotineiramente vivenciadas, marcadas pelo gênero e outros posicionamentos sociais assimétricos. O jornalismo produzindo conhecimento, mas conhecimento feminista, que se apoia em “saberes localizados” (HARAWAY, 1995), pois seu objetivo é transgredir, emancipar e desnaturalizar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu vivi intensamente cada etapa de produção desse livro, entre dores intensas nas costas, ansiedades, crises depressivas, atraso nas entregas, desafios nos deslocamentos e inseguranças. Mesmo assim, cheguei até aqui. O livro está pronto, eu consegui! Mas só consegui, porque não estava n sozinha. Carrego em mim não apenas minha trajetória, mas também a trajetória de vida e pesquisa de minha mãe, Alzira, e as trajetórias de minhas avós Anastácia e Lucinda, que sempre tiveram a terra como aliada, fonte de alimentos e belezas.

Carrego agora um pouco de Dandara, Patrícia, Marizete, Daiane, Palmira e Cristiane. Algo que sempre me surpreende no jornalismo é a confiança que as fontes depositam em mim. Elas, que possuem histórias, por vezes, sofridas, confiaram em mim logo de cara e me contaram por quais caminhos suas corpas já passaram e por quais ainda querem passar. Isso me encanta e me emociona.

Não consigo dimensionar o tanto que aprendi ao longo dessa pesquisa. Aprendi sobre os processos da reforma agrária. Ouvi sobre os sentimentos nos momentos de acampamento, as tensões nas ocupações e as emoções profundas quando elas enfim conquistaram seus lotes e assentaram em suas terras. Aprendi sobre os processos educacionais no campo, conheci a pedagogia do MST e descobri que as práticas agroecológicas são a nossa salvação enquanto humanidade e planeta. Mais do que isso, confirmei minha teoria de que o afeto nos salvará. Ele me salvou.

A Ana Laura pessoa e a Ana Laura jornalista estão imbricadas uma na outra e nesse projeto senti a mistura delas ainda mais intensa. Isso fez com que todas as saídas de campo, nos vastos quilômetros percorridos e nas longas horas de diálogos, eu pudesse estar ali presente como mais do que uma repórter. Eu me envolvi, há quem diga que me envolvi demais, mas acho isso relativo e reforço a pergunta que fiz na conclusão do livro: como poderia eu não me envolver? Esse é o jornalismo que acredito: envolvido, posicionado e crítico. E isso não reduz em nada a credibilidade das informações aqui apresentadas. Acredito que a emoção é um recurso humano e linguístico indispensável às reportagens e às pessoas. Conhecer a forma como as

mulheres assentadas se reinventam sempre que preciso me ajudou a também me reinventar e começar a curar feridas expostas em minha mente. Além de tudo que aprendi como profissional, esse trabalho também me salvou de mim mesma. Como Marizete diz: é preciso se permitir resgatar. E eu me permiti ser resgatada.

4.REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem.** São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Tulio. O que é midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusyto; LESSA, Claúdio Humberto; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do midiativismo: do conceito à prática**. – Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018. (pp. 25-42).

FREITAS, André Ricco. **A Reforma Agrária em Mato Grosso do Sul: Os dilemas e as possibilidades nos Assentamentos Rurais a partir da análise dos dados do INCRA.** Dissertação de Mestrado, PPGS/UFGD, 2020.

GUSTAFSON, Jessica. **Jornalistas e feministas - a construção da perspectiva de gênero no Jornalismo.** Série Jornalismo a Rigor. V. 14. Florianópolis: Insular, 2019.

HARAWAY, Donna. **SABERES LOCALIZADOS: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu (5), 1995.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvi Libânio. - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: Da Margem ao Centro**. Tradução Rainer Patriota. - São Paulo: Perspectiva, 2019 (Palavras Negras).

LIMA, Eduardo Pereira. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo. 3. ed. Barueri, SP: Manoele, 2004.

LUCINI, Marizete. Memória e história na formação da identidade sem terra. In: PINHEIRO, Alexandre Santos; TEDESCHI, Losandro Antonio, MARSCHNER, Walter (org.). **Saberes da Terra: Teoria e Vivências**. Dourados: Ed. UFGD, 2012 (p. 67-90).

MENEGAT, Alzira. **No coração do Pantanal: assentados na lama e na areia: as contradições entre os projetos do Estado e dos assentados no assentamento Taquaral-MS**. Dourados, MS: UEMS/UFGD, 2009.

PROCÓPIO, Sandra. **Entrevista 1**. Entrevista concedida a Ana Laura Menegat de Azevedo. Dourados, 01 mar. 2022.

SIQUEIRA, Daniela. **Aula ministrada na disciplina de "Livro-reportagem".** Segundo semestre de 2020. Contato de forma *online* através do *Google Meet.*

5. ANEXOS

As produções feitas pelas membras da equipe deste livro foram fotografias e ilustrações, as quais já estão inseridas ao longo do livro e do caderno de imagens. Sendo assim, não há mais anexos a serem inseridos neste relatório.

6. APÊNDICES

6.1 Roteiro pré-entrevistas

- Nome da entrevistada;
- Data e local de nascimento;
- Possui irmãos e irmãs?
- Como foi sua infância e a relação com a família?
- Até chegar aqui, qual sua história?
- Há quanto tempo é assentada?
- Foi acampada?
- É bom morar aqui?
- O que significa para você ser mulher assentada no Mato Grosso do Sul?
- Como é sua relação familiar hoje?
- Você já passou por constrangimentos, assédios ou silenciamentos vindos de homens? E dentro do assentamento?
- Você participa das decisões no assentamento?
- Qual a parte mais difícil de ser assentada?
- O que significa viver em comunidade para você?
- Qual seu trabalho em casa e no lote?
- Como é ser mãe e assentada? (Para as fontes que são mães)
- Quando se conquista o lote deixa de ser sem terra?
- Você cria animais em seu lote?
- O que você planta em seu lote?
- Como é a segurança onde você vive?
- Você participa da militância nos movimentos sociais?
- Qual o papel dos assentamentos para o funcionamento da sociedade?
- Qual a responsabilidade da sociedade para com os assentamentos?
- Você sente que a sociedade valoriza a produção de alimentos realizada nos assentamentos?

- Que apoios você sente falta no seu assentamento?
- Qual o papel da educação na sua vida?
- Como é sua relação com a terra?
- Como é a participação das crianças no movimento?
- Como é o acesso à educação onde você mora?
- Existe um protagonismo feminino nas posições de liderança no seu assentamento?
- Qual a importância dos movimentos sociais rurais?
- Qual o papel das mulheres na reforma agrária?
- Como é a questão do uso de agrotóxicos onde você vive?
- Histórias de lutas e afetos
- Você se sente uma mulher enraizada?
- O que foi preciso para você se enraizar onde vive?

6.2 Roteiros entrevistas com as fontes personagens

6.2.1 Roteiro Daiane

Primeira entrevista - 09/03/23, durante a Jornada das Mulheres do MST, no Cepege, Assentamento Geraldo Garcia - Sidrolândia.

- (perguntas roteiro pré-entrevistas)
- Como é ser mulher trans no MS?
- Você se sente representada no MST?
- Como é a sua relação com o campo?
- Quais características da política do MST te estimularam a participar do movimento?
- Qual a importância do núcleo de gênero do MST? Na prática, como isso impacta a vida das pessoas do movimento?
- Qual a importância de manter diálogos com outros movimentos sociais rurais?
- Como tornar o campo mais acolhedor e afetivo para pessoas LGBTQIAPN+?
- Qual o papel das mulheres na reforma agrária?
- Como você definiria o conceito de Reforma Agrária Popular?

- Como a solidariedade dentro do movimento te atravessa?

Segunda entrevista - 09/03/23, Secretaria do MST, Armazém do Campo - Campo Grande.

- (retomamos alguns pontos da nossa primeira conversa)
- como é ser uma mulher trans?
- Relação com a mãe;
- De onde vinha esse seu anseio de estudar? (Jessika)
- Na prostituição tinha uma projeção de futuro? (Lara)
- Dai, o que mudou aí dentro, dos 12 anos até agora? (Lara)
- Como é ver a transformação da relação de mãe e filha com esse apoio?
- O que a Daiane de hoje falaria para a Daiane de 12 anos de idade? (Jessika)
- E o que você falaria hoje para nós três? (Jessika)
- O que você faria de diferente? (Jessika)
- Na prática, o que é ter dignidade?
- Como é sua relação com a espiritualidade?

6.2.2 Roteiro Cristiane

Pré-entrevista - 11/03/23 - via ligação telefônica.

- (perguntas roteiro pré-entrevistas)
- Como foi a experiência no Pronera?
- Qual sua relação com a mística?

Primeira entrevista - 29/04/23, casa de Cristiane, no Assentamento Itamarati.

- Como é ser mãe assentada?
- O que você sente falta aqui no assentamento?
- Como foi reconstruir a vida no Itamarati após se mudar do Mutum?
- O que é ser mulher assentada para você?
- Como eram as peças teatrais do Pronera?

Segunda entrevista - 25/03/23, casa de Cristiane, no Assentamento Itamarati.

- Qual era a sua função no Brasil Alfabetizado? Como foi a sua experiência?

- O que aprendeu no curso prolongado em Rondônia?
- Quais documentos de posse da terra vocês possuem?
- Lembranças do Pronera
- Porque é importante a presença das mulheres nos cursos superiores? Como isso impactou sua vida?
- Você sofreu silenciamentos e violências de gênero?
- Como foi o momento em que você mudou a visão sobre o MST?

6.2.3 Roteiro Palmira

Pré-entrevista - 28/02/23 - via ligação telefônica.

- (perguntas roteiro pré-entrevista)
- História e trajetória com a produção de alimentos orgânicos

Primeira entrevista - 25/03/23, casa de Palmira, no Assentamento Itamarati.

- Como é a sua rotina?
- Detalhes da trajetória até assentar
- Como era viver no acampamento?
- O que é a terra para você?
- Como você se sente sabendo que a comida que você planta e colhe chega a tantas pessoas?
- Como foi o processo para conseguir certificado de produtora orgânica?
- Sente orgulho de si mesma?
- Como foi para você sair de um relacionamento violento?
- Quais documentos de posse da terra você tem?

Segunda entrevista - 25/03/23, casa de Palmira, no Assentamento Itamarati.

- Nome dos filhos e das filhas
- Como foram as suas gestações?
- Como você lida com as crises depressivas?
- Por que, mesmo com uma rotina tão cheia, você vai para a escola?
- Vale a pena lutar pela educação?
- Como foi viver em um barraco de lona?

- No acampamento, o que te motivou a não desistir?
- Onde você vende alimentos?
- Como é a vida no Itamarati?
- Que saudades você sente?
- O que você sentiu quando parou de morar no barraco?
- Como é participar do MMC?
- Como foi assentar tendo filhas e filhos?
- Quais seus aprendizados até aqui?
- Quais sonhos você tem?

6.2.4 Roteiro Dandara

Primeira entrevista - 19/03/23, minha casa - Campo Grande.

- (perguntas roteiro pré-entrevistas)
- Como foi ser uma criança sem terrinha?
- Como foi para você passar a viver na cidade após ter crescido em acampamentos e assentamentos?
- E a vida universitária, como é?
- Como é sua relação com a mística?
- Como foi viver no Maranhão?
- O que é reforma agrária para você?
- Como você se relaciona com a identidade sem terra?
- Que preconceitos você acha que ainda são latentes dentro dos espaços do MST?
- Como você vê o comprometimento do MST com a comunidade LGBTQIAPN+?
- Cuidado e saúde são questões políticas?
- Qual a importância do MST pra sociedade?
- Pq as pessoas estão ocupando terras?
- Qual a importância da comunidade em momentos de luta?
- A luta acaba na conquista do lote?

Segunda entrevista - 27/08/23, Biblioteca da UFMS - Campo Grande.

- Como você se apresentaria?
- O que você sente quando chega em um assentamento?
- Como você descreveria as mulheres assentadas?
- O que você sente quando imagina voltar a viver no campo?
- O que aconteceu com o pé de cana que você faltou no seu condomínio?
- Quando você morou nos EUA, como foi viver nessa sociedade de consumo, sendo que você foi criada com os valores sem terra?
- No dia a dia na cidade, o que você mais sente falta em relação à vida no campo?

6.2.5 Roteiro Patrícia

Primeira entrevista - 09/03/23, casa de Patrícia, Assentamento Geraldo Garcia - Sidrolândia.

- (perguntas roteiro pré-entrevistas)
- Como foi o processo de construção coletiva da casa?
- Como é a sua rotina?
- Como é criar sua filha e seu filho no assentamento?
- Que diálogos você e Manoel têm com as crianças a respeito das atividades do MST?
- Como é a realidade de machismo e racismo no campo?
- Qual a sua relação com as ervas medicinais?

Segunda entrevista - 27/08/23, casa de Patrícia, Assentamento Geraldo Garcia - Sidrolândia.

- Por que sua mãe voltou a acampar após o fim do casamento?
- Como é ser educadora no campo?
- Qual a importância da educação?
- Você discute questões raciais e de gênero com suas crianças?
- Para você, o que significa resistir?
- Como você consegue forças para continuar na luta?
- Como você descreveria as mulheres assentadas?
- Como é ter uma agrofloresta no quintal de casa?

- Como foi ser criança sem terrinha?
- Como viver agroecologicamente?
- Como as crianças participam das atividades no lote?

6.2.6 Roteiro Marizete

Primeira entrevista - 09/03/23, durante a Jornada das Mulheres do MST, no Cepege, Assentamento Geraldo Garcia - Sidrolândia.

- (perguntas roteiro pré-entrevistas)
- Como foi ser presa política?
- Você acredita na justiça brasileira?
- Que dores você carrega?
- Como é ser assentada?
- Como sua formação como enfermeira se relaciona com os saberes da terra?
- Qual sua relação com as ervas naturais?
- Você foi violentada?
- Como você me explicaria o que é o MST?
- Você é feliz em seu lote?
- O que é a mística para você?

Segunda entrevista - 30/08/23, minha casa - Campo Grande.

- Qual sua formação acadêmica?
- Como é a sua relação com seu marido?
- Como está o seu tratamento para câncer?
- Como seus conhecimentos como enfermeira impactaram na sua vida no acampamento e no assentamento?
- O que você tem plantado em seu lote?

6.3 Roteiros entrevistas com as fontes especialistas

6.3.1 Roteiro Alzira e Marisa

- Qual o percurso acadêmico de vocês até começarem a pesquisar a respeito das mulheres assentadas?

- Quais os projetos mais marcantes?
- Quais os sentimentos envolvidos na pesquisa?
- Como vocês se sentem sabendo que impactaram a vida das pessoas assentadas, principalmente na época do Pronera?
- Qual a responsabilidade da universidade com a vida das mulheres assentadas?
- Qual a importância das mulheres para a reforma agrária?

6.3.2 Roteiro Sandra

- O que é segurança alimentar?
- Qual a importância das mulheres para a reforma agrária?
- O que é uma reforma agrária popular?
- O que é agroecologia?
- Qual a importância das agroflorestas?
- Qual o problema de arrendamentos nos assentamentos de reforma agrária?
- Qual a diferença entre educação para o campo e educação do campo?
- O que é a mística para você?

6.3.3 Roteiro Fernanda

- Por que o problema da fome é um problema de distribuição?
- Quais os caminhos possíveis para enfrentar a insegurança alimentar no Brasil?
- Qual a importância da produção de alimentos na reforma agrária?
- Qual a importância da agroecologia?